

A Jacinta e Francisco,
com muita gratidão a Ela.

Oh Rita!?
Até já!

David, volta depressa!

«Se hoje ouvirdes a voz do Senhor não fecheis os vossos corações»
[Sl 95(94) 7-8; Hb 4, 7].

I

ELEVADOR

Morri hoje de manhã. Logo depois de morrer, vi-me, com gabardina e pasta, numa espécie de elevador. O facto de estar num elevador era bom sinal, por ir a subir. Mas, logo a seguir, assaltou-me o pensamento de que também podia estar a descer. Foi então que me lembrei de que, antes de subir ou descer, eu tinha de ser julgado. Provavelmente, aquele era apenas o elevador do tribunal.

Luz

A coisa que mais me chocava era a luz. Ou talvez lhe deva chamar «Luz», de tal forma tinha personalidade. O elevador estava tão bem iluminado, tão cheio da Luz, que era difícil ver. Tive de esfregar os olhos para me habituar ao brilho, que inicialmente me cegava. Reparei então que o elevador não tinha janelas, lâmpadas ou outras fontes de iluminação. A claridade ofuscante vinha das próprias paredes e, sobretudo, do teto. Mas não se notava nenhuma origem específica. A Luz penetrava diretamente de fora para dentro do elevador. As paredes não eram transparentes, mas pareciam permeáveis

à Luz. A pouco e pouco consegui ir abrindo bem os olhos e lá me fui habituando.

O primeiro pensamento coerente que tive, depois da certeza de ter morrido, foi o de rezar. Tinha de rezar, de pedir ajuda, de entregar-me a Deus. Eu rezara muitas vezes, em tantas circunstâncias da vida! Normalmente para pedir ajuda, mas também para agradecer ou louvar a Deus. Tinha morrido a rezar. Então, naquele momento supremo, eu também tinha de rezar, de pedir e de agradecer. Estava morto e aquele era o momento em que o Senhor Jesus Cristo, a Sua Mãe Santíssima e os meus Santos padroeiros tinham de vir em meu auxílio, então mais do que nunca. Tateei no bolso e encontrei um Terço, no mesmo sítio onde o tinha guardado antes de morrer. Tomei-o e comecei a passar as contas.

Notei então que, ali, rezar era tão natural como respirar na Terra. A Luz tornava rezar muito simples, muito sereno. Dei por mim a rezar continuamente, sem dificuldade, sem perturbação, mesmo quando outras coisas ocupavam o meu espírito. As contas passavam pelos meus dedos com naturalidade. Tudo o resto que fiz naquele sítio na morte foi feito ao mesmo tempo que rezava. Às vezes sem dar por isso, fui rezando continuamente. Ali, rezar era como respirar.

Tinha a certeza física de ter morrido. Não havia em mim a menor dúvida de que estava morto. Morrer era um choque, e eu parecia estar a acordar a pouco e pouco dele. À medida que o tempo passava, cada vez me capacitava mais da realidade da morte e da realidade de estar dentro dela. Tinha morrido. Era essa certeza que me dominava. Mas ainda me sentia vivo.

Essa era, aliás, a única sensação que tinha. Não me doía nada e, tanto quanto sentia, continuava perfeitamente vivo. Estava morto, mas era como se nada tivesse sucedido. Estava ali sozinho, naquele elevador.

Lembrei-me então da minha família, da minha mulher e dos meus filhos, que tinha deixado há poucos minutos. Mas a recordação foi muito difícil e esvaiu-se lentamente. No elevador, era como se me fosse distanciando da minha vida terrena. E até da minha morte. Tinha dificuldade em lembrar-me dos pormenores do sofrimento da morte. À medida que me tornava mais consciente de que estava defunto, ia perdendo a consciência dos pormenores da minha vida anterior.

Havia algo que me impedia de voltar à Terra, mesmo que só em pensamento. Entrava num mundo novo, diferente de onde viera. Senti-me então completamente só, sensação que a oração aliviava apenas parcialmente.

Mas havia coisas que era fácil recordar. A minha vida anterior estava presente, mas de forma estranha. Lembrei-me não tanto do que fizera, mas mais do que desejara. Por exemplo, era difícil ver os pormenores de alguns acontecimentos que me tinham marcado, e que eu achava importantes na altura. Mas recordava-me perfeitamente de projetos que planeara, até dos que nunca chegara a realizar. E os locais, as circunstâncias e as caras dos outros esfumavam-se quase sempre. Não me lembrava tanto das feições da minha mulher e dos meus filhos, mas sentia quase palpável o amor que tinha por cada um deles.

Próximo

De repente, alguém se mexeu ao meu lado e notei então que não estava só. A minha crescente habituação à Luz já me permitia ter consciência dos meus companheiros na morte. Reparei então que o elevador era até bastante grande e havia umas vinte pessoas à minha volta. Antes, estivera tão absorvido em mim mesmo que nem notara toda aquela gente. Aqui, neste sítio depois da morte, os cinco sentidos não funcionam da mesma maneira que antes. Vejo e sinto coisas que antes não sentia. Mas tenho dificuldade em sentir o que antes era natural.

Interessei-me então pelos que me rodeavam. Estavam todos em silêncio, muito sérios, absorvidos em si mesmos. Mais ou menos como eu estivera até então. Havia homens e mulheres de todas as idades e até algumas crianças. Mas dominavam as pessoas idosas. Todos estavam de sobretudo, capa ou gabardina e traziam consigo bagagem. Nada nas suas pessoas indicava de que forma tinham morrido ou, sequer, que estivessem mortos.

O mais visível era que alguns tinham uma marca estranha na testa, em forma de cruz e da cor do sangue. Parecia uma pequena ferida, mas não lhes devia doer, porque não pareciam dar-se conta dela.

Reparei mesmo que havia certas diferenças nessas marcas. A maioria tinha uma cruz com riscos saindo dos lados, em forma de raios. Mas num par que estava à direita a marca era diferente. O senhor, bastante idoso, que também passava as contas de um Rosário, tinha a cruz com os raios na testa, mas rodeada por um círculo. A menina que ele trazia pela mão tinha uma cruz simples, sem raios.

Percebi então, num *flash*, que aquilo que eu estava a ver, em mim e nos outros, era, não o corpo, mas a alma. Claro! Depois da morte e antes do Juízo Final e da ressurreição da carne, o que se vê das pessoas é a alma. Não admirava que os meus sentidos estivessem estranhos. Esses sentidos eram outros, diferentes dos que eu usara toda a vida.

Miguel

Esse homem idoso com a marca estranha estava mesmo junto da parede do elevador e, por isso, era muito bem iluminado pelo esplendor que saía dela, ao contrário dos outros, mais afastados, e até da menina que ficava na sua sombra. Notei então que aquela Luz era muito estranha. Eu, que nunca tinha visto o senhor na vida, parecia que o conhecia bem. Só por vê-lo à Luz.

Olhei para ele com atenção, e fiquei a saber que se chamava Miguel. Não sei como isso foi, mas tive a certeza de que ele se chamava Miguel. E até tive a certeza dos acontecimentos centrais da sua vida.

Era de uma família abastada de um país da América do Sul (não percebi qual, porque alguns pormenores escapavam-me). Viveu os primeiros anos de vida de uma forma suave e confortável. Como era inteligente e bem parecido, teve sucesso na sociedade adolescente da sua cidade. Tinha um namorico estável e pensava enveredar por uma carreira de engenheiro.

Tudo mudou num dia em que, indo para uma festa elegante, viu à porta uma menina suja e esfarrapada pedindo esmola. O facto era banal naquelas ruas. Mas aquilo que antes fora para ele habitual, dessa vez criou como que um choque. Ele sentiu-se pessoalmente responsável por aquela situação de miséria, que nessa altura lhe pareceu intolerável. Não conseguiu participar empenhado na festa e saiu cedo. No dia seguinte de manhã decidiu mudar radicalmente o seu estilo de vida.

Aderiu a um movimento revolucionário e participou em múltiplas iniciativas para contestar a sociedade injusta e opressora. Detestou tudo o que antes vivera. Integrou manifestações, campanhas, protestos e até conspirou em coisas mais sinistras. Ao fim de uns meses tinha rompido o namoro, abandonado a universidade e criado uma zanga com os pais, que deixaram de o ver. Como era inteligente, bem parecido, carismático, subiu depressa no seu movimento. Graças à educação esmerada dada pelos pais, foi encarregue das relações externas e escolhido para vários contactos internacionais.

Tudo mudou num dia em que, indo para uma reunião de quadros do movimento, viu à porta uma menina suja e esfarrapada pedindo esmola. Talvez até fosse a mesma, porque era um pouco mais velha. Do que não havia dúvida era de que estava igualmente suja e esfarrapada. Miguel sentiu o mesmo choque da primeira vez, mas naquele momento mais forte e doloroso. A responsabilidade era igual, só que vivia então a futilidade da sua ação. Que poderiam os seus esforços, a sua revolução, fazer por aquela menina? Não conseguiu participar empenhado na reunião e saiu cedo. No dia seguinte de manhã decidiu mudar radicalmente o seu estilo de vida.

Saiu do movimento, matriculou-se na escola de enfermagem e estudou furiosamente durante anos, trabalhando para se sustentar e pagar os estudos. Ainda contemplou ser médico, mas não tinha dinheiro nem tempo para isso. Quando se formou, deixou a cidade e rumou para a zona mais pobre do país, para ajudar as meninas mais sujas e esfarrapadas do seu tempo.

A zona tinha apenas um médico, já idoso e desanimado, que servia milhares de camponeses miseráveis em terras remotas. Miguel levou a sua juventude e o seu entusiasmo, fazendo maravilhas nos doentes... e no médico. Rapidamente passou a vir gente de toda a região para ser tratada por ele, pela sua simpatia e amizade. Como era inteligente, bem parecido e carismático, todos gostavam imenso dele.

Graças aos conhecimentos e prática que tinha conseguido adquirir no seu movimento revolucionário, ajudou os camponeses a organizarem-se, a criarem iniciativas sociais e a fazerem petições ao Governo. Começaram por solicitar um centro de saúde decente para a região. Em breve era ele quem dirigia as negociações com as autoridades locais na saúde e noutros campos.